

A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA EM CARGOS DE GESTÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE TUCURUÍ/PARÁ

Deise da Silva Medeiros

Universidade Federal de Pará

<https://orcid.org/0009-0004-8867-2262>

Lucas Rodrigues Lopes

Universidade Federal do Pará

<https://orcid.org/0000-0002-9936-3666>

RESUMO:

Este trabalho investiga a trajetória de mulheres negras em cargos de gestão escolar na cidade de Tucuruí/Pará, com foco nos desafios diários que enfrentam. Por meio de uma análise discursiva, busca-se compreender o processo de reexistência dessas mulheres nesses cargos. O objetivo geral, é analisar discursivamente o percurso dessas gestoras. Especificamente, o estudo visa identificar os obstáculos enfrentados, a partir dos seus próprios dizeres, e contribuir para as pesquisas na área da educação, cultura e linguagem, destacando as suas narrativas. Dessa forma, a metodologia interpretativista adotada, inclui entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas, transcritas e analisadas à luz da Análise do Discurso, fundamentada nos estudos de Coracini (2003), Foucault (2010), Lopes (2018) e Pêcheux (1990). Os resultados apontam para desigualdades e preconceitos persistente, ressaltando a importância de valorizar a diversidade e as competências das mulheres negras. Conclui-se que, para promover mudanças efetivas, é imprescindível o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas e a desconstrução de narrativas estereotipadas, fortalecendo a representatividade e a competência dessas profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras. Cargos de Gestão. Análise do Discurso.

THE TRAJECTORY OF BLACK WOMEN IN SCHOOL MANAGEMENT POSITIONS IN THE MUNICIPALITY OF TUCURUÍ/PARÁ

ABSTRACT:

This work investigates the trajectory of Black women in school management positions in the city of Tucuruí, Pará, focusing on the daily challenges they face. Through a discursive analysis, it seeks to understand the process of "re-existence" of these women in such roles. The main objective is to analyze the pathways of these managers from a discursive perspective. Specifically, the study aims to identify the obstacles they face, based on their own statements, and to contribute to research in the fields of education, culture, and language by highlighting their narratives. Thus, the interpretivist methodology adopted includes semi-structured interviews, which were recorded, transcribed, and analyzed in light of Discourse Analysis, grounded in the studies of Coracini (2003), Foucault (2010), Lopes (2018), and Pêcheux (1990). The results point to persistent inequalities and prejudice, emphasizing the importance of valuing diversity and the competencies of Black women. It is concluded that to promote effective change, the development of inclusive public policies and the deconstruction of stereotypical narratives are essential, strengthening the representativeness and competence of these professionals.

KEYWORDS: Black Women; Management Positions; Discourse Analysis.

LA TRAYECTORIA DE MUJERES NEGRAS EN CARGOS DE GESTIÓN ESCOLAR EN EL MUNICIPIO DE TUCURÚ/PARÁ

RESUMEN:

Este trabajo investiga la trayectoria de mujeres negras en cargos de gestión escolar en la ciudad de Tucuruí, en el estado de Pará, con un enfoque en los desafíos diarios que enfrentan. A través de un análisis discursivo, se busca comprender el proceso de reexistencia de estas mujeres en dichos cargos. El objetivo general es analizar discursivamente el recorrido de estas gestoras. Específicamente, el estudio pretende identificar los obstáculos enfrentados, a partir de sus propias palabras, y contribuir a las investigaciones en el área de la educación, cultura y lenguaje, destacando sus narrativas. De esta forma, la metodología adoptada, de carácter interpretativista, incluye entrevistas semiestructuradas, que fueron grabadas, transcritas y analizadas a la luz del Análisis del Discurso, fundamentado en los estudios de Coracini (2003), Foucault (2010), Lopes (2018) y Pêcheux (1990). Los resultados señalan desigualdades y prejuicios persistentes, resaltando la importancia de valorar la diversidad y las competencias de las mujeres negras. Se concluye que, para promover cambios efectivos, es imprescindible el desarrollo de políticas públicas inclusivas y la desconstrucción de narrativas estereotipadas, fortaleciendo la representatividad y la competencia de estas profesionales.

PALABRAS CLAVE: Mujeres Negras. Cargos de Gestión. Análisis del Discurso.

1 INTRODUÇÃO

A presença de mulheres negras na educação brasileira está profundamente enraizada na história de exclusão e resistência vivida por essa população desde os tempos coloniais. Durante o período escravocrata, pessoas negras foram sistematicamente impedidas de acessar qualquer forma de instrução formal. A educação, enquanto privilégio reservado às elites brancas, era vista como uma ameaça ao controle social exercido sobre a população negra. Somente após a abolição da escravatura, em 1888, e com a posterior luta por direitos civis, as mulheres negras começaram a conquistar, ainda que de forma limitada e marginalizada, acesso à educação formal.

As barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres negras na educação brasileira não se limitaram ao acesso. Desde o início da República, quando a escola pública foi consolidada, os mecanismos de exclusão racial e de gênero foram mantidos por meio de políticas e práticas discriminatórias. As mulheres negras que conseguiram acessar a educação, seja como alunas ou como professoras, enfrentaram uma série de obstáculos estruturais, incluindo a falta de recursos e o racismo institucionalizado.

Ao longo do século XX, a luta pela educação continuou a ser um elemento central na trajetória de crescimento das mulheres negras. O caminho para cargos

de maior prestígio, como posições de gestão escolar, permaneceu repleto de desafios. A presença de mulheres negras em cargos de liderança educacional ainda hoje é uma exceção, refletindo a persistência de barreiras históricas que limitam mulheres aos espaços de poder e decisão.

Desse modo, a questão central deste estudo se concentrou em investigar como as desigualdades raciais e de gênero interferem no acesso e na permanência de mulheres negras em cargos de gestão escolar na cidade de Tucuruí/Pará. Essas desigualdades, amplamente documentadas em pesquisas sobre educação no Brasil, refletem a interseccionalidade entre raça, gênero e classe social, elementos que se entrelaçam na construção dos desafios enfrentados por essas profissionais. A escassez de mulheres negras em cargos de gestão escolar reflete não apenas um problema de representatividade, mas também aponta para barreiras estruturais que inibem o desenvolvimento profissional dessas mulheres, perpetuando um ciclo de exclusão.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo geral investigar a trajetória das mulheres negras em cargos de gestão escolar no município de Tucuruí/Pará. Especificamente, identificar os principais desafios enfrentados por essas mulheres ao longo de suas jornadas profissionais, bem como analisar as questões de raça e gênero que influenciam suas experiências e decisões dentro do ambiente escolar e contribuir para o debate acadêmico acerca das políticas públicas voltadas para a inclusão racial e de gênero no campo educacional.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa (Ludke; André, 1986), com características descritivas e exploratória, já que visa não apenas descrever as experiências das mulheres negras em cargos de gestão escolar no município de Tucuruí/Pará, mas também explorar as dinâmicas de exclusão e resistência.

A abordagem qualitativa é a mais adequada para este tipo de investigação, uma vez que busca captar as percepções, narrativas e subjetividades dessas mulheres. Essa escolha se justifica pela complexidade do tema, que envolve a interseção de questões de raça, gênero e poder, aspectos

que requerem uma análise interpretativista e contextualizada, difícil de ser quantificada em termos estritamente numéricos.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com três gestoras escolares negras atuantes em escolas públicas de Tucuruí: Benedita do Socorro Pinto Borges, Natália Karina Nascimento da Silva e Maria da Conceição Pereira Bugarim. Foram selecionadas por meio de um critério de amostragem intencional, buscando incluir mulheres negras que ocupassem cargos de gestão e que pudessem oferecer uma diversidade de perspectivas sobre suas vivências no ambiente escolar.

As perguntas, abordaram questões relacionadas às trajetórias profissionais das gestoras, os desafios enfrentados para alcançar e se manter nos cargos de gestão, suas percepções sobre como as questões de raça e gênero influenciam seu cotidiano de trabalho. As falas foram gravadas com o consentimento das participantes e posteriormente transcritas para análise.

A análise dos dados seguiu o viés e da Análise do Discurso com base nos trabalhos de Coracini (2003), Foucault (2010), Lopes (2018), Orlandi (1990) e Pêcheux (1990), que contribuem para a compreensão de como os discursos sociais são produzidos e reproduzidos em contextos específicos, especialmente no que diz respeito à construção de identidades e relações de poder. A Análise do Discurso, ao se debruçar sobre as condições de produção e os efeitos de sentido dos discursos, permitiu investigar como as gestoras negras constroem suas identidades e como os discursos de raça e gênero afetam suas trajetórias profissionais.

No contexto deste estudo, a AD, mostrou-se particularmente relevante para compreender como as gestoras negras negociam suas posições de poder em um ambiente que, historicamente, marginaliza mulheres e pessoas negras. A noção de "sujeito assujeitado", proposta por Pêcheux (1990) e a ideia de que os sentidos são sempre construídos em meio a tensões ideológicas, ajudaram a identificar as formas como essas mulheres resistem aos discursos hegemônicos de exclusão e subordinação.

3 CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DE PESQUISA

Tucuruí, localizado no sudeste do Pará, destaca-se pela presença da Usina Hidrelétrica, um dos maiores empreendimentos de geração de energia elétrica no Brasil. Fundada em 1947, a cidade teve seu crescimento acelerado na década de 1970, durante a construção da usina, o que atraiu um grande número de migrantes em busca de trabalho. Desde então, tornou-se um município marcado por uma economia fortemente influenciada pela presença desse empreendimento energético, mas também por disparidades socioeconômicas significativas.

Para Campos (2019, p. 27), esse processo foi de extrema ganância e ditadura:

O projeto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí tem muito a revelar acerca da ditadura brasileira. De fato, entendemos que temos ali um microcosmo do regime, em diversas feições e dimensões do seu caráter autoritário e de sua própria composição social. Para além da falta de democracia na forma como o projeto foi elaborado e conduzido, sem consulta às comunidades locais, ignorando os impactos sociais decorrentes da Mega-Usina e de seu reservatório, além de todos os danos ambientais causados pela barragem, a obra é reveladora da ditadura na medida em que ela expressa interesses empresariais que constituíram os seus beneficiários. A falta de transparência no uso dos recursos públicos e que se expressava na forma obscura como foi elaborado o projeto, o edital da obra, o contrato e seus aditivos serviu para favorecer certos interesses empresariais que atuaram no projeto. Assim, todo o sacrifício das milhares de famílias trabalhadoras afetadas serviu para favorecer e enriquecer certos grandes interesses econômicos privados.

Tucuruí é uma cidade que reflete as desigualdades regionais típicas da Amazônia, especialmente no que se refere à distribuição de renda, acesso a serviços públicos e oportunidades de trabalho. A maioria da população vive em áreas urbanas, mas a pobreza atinge especialmente as populações periféricas, com carência de infraestrutura básica em bairros mais afastados do centro. O mercado de trabalho é predominantemente masculino, sobretudo nos setores de construção civil e energia, o que limita as oportunidades para as mulheres, especialmente as negras, que historicamente enfrentam barreiras ainda maiores de inclusão social e econômica.

4 TEORIA, GÊNERO E RAÇA

Para compreender as trajetórias profissionais das mulheres negras, é fundamental adotar uma abordagem interseccional que considere as articulações entre raça, gênero e classe social. O conceito de interseccionalidade, introduzido por Kimberlé Crenshaw (1989), é importante para entender como as mulheres negras vivenciam opressões múltiplas e simultâneas, que não podem ser analisadas de forma isolada. A interseccionalidade revela como o racismo e o sexismo, quando combinados, produzem um conjunto específico de desafios para as mulheres negras, tanto na sociedade em geral quanto no ambiente profissional.

A partir dessa perspectiva, Ângela Davis (2018) argumenta que as mulheres negras, devido a sua posição histórica de subordinação, desenvolvem formas únicas de resistência e luta pela emancipação. No contexto da educação, essas mulheres não apenas enfrentam o racismo estrutural que limita suas oportunidades de elevação, mas também a discriminação que perpetua a noção de que o papel das mulheres deve ser limitado ao cuidado e à docência, e não à liderança.

Além disso, Bell Hooks (1984) contribui para essa discussão ao problematizar as representações de mulheres negras na sociedade e suas implicações para o reconhecimento de sua competência e autoridade em espaços profissionais. Segundo Hooks, as mulheres negras são frequentemente vistas através de modelos que desumanizam e desvalorizam suas contribuições, dificultando sua passagem em ambientes majoritariamente brancos e masculinos. No campo educacional, isso se traduz em barreiras invisíveis que limitam a entrada de mulheres negras a cargos de gestão, ao mesmo tempo em que naturalizam sua presença em posições subalternas.

As teorias de gênero e raça ajudam compreender às dificuldades específicas enfrentadas pelas mulheres negras em cargos de liderança escolar, especialmente em regiões como Tucuruí, onde as dinâmicas locais de exclusão racial e social se sobrepõem a contextos nacionais de desigualdade.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as entrevistas realizadas com as gestoras negras de Tucuuruí, os relatos nos permitiram a identificação de categorias que revelam os desafios enfrentados ao longo de suas trajetórias profissionais. Dessa forma, os dados foram organizados em três categorias: Educação, Liderança e Racismo. Cada uma, reflete os principais elementos que surgiram nas narrativas das entrevistadas, expondo tanto as barreiras enfrentadas quanto as estratégias de superação utilizadas por essas mulheres.

A importância de abordar essas categorias, especialmente no contexto das entrevistas com mulheres negras, gestoras educacionais, reside na necessidade de ampliar a compreensão sobre as realidades enfrentadas por essas profissionais, como lidam com esse preconceito e quais as estratégias sugerem para superar os desafios.

Quando perguntado a Natália sobre alguns enfrentamentos como mulher negra, sobre desafios de se alcançar objetivos profissionais esta responde:

É, esses locais de poder eles são alcançados por muito trabalho, né... Trabalho às vezes em dobro, trabalho, trabalho, trabalho em triplo de vezes... Então isso são pontos, né... Que pra mim foram os desafios, né... E vem sendo os desafios né, enfrentados pra se alcançar locais de gestão e de justamente você ter a possibilidade de determinar é, os caminhos né... Pra que caminhos ali aquele pequeno grupo, aquele núcleo vai seguir... No caso da minha ótica, nos projetos de extensão, né... Nos projetos de, de pesquisa... Da organização, dos temas. Então quando a gente traz temas de equidade, quando a gente traz temas de populações, é, tradicionais. É óbvio que uma figura branca masculina, não vai olhar com sensibilidade pra essas temáticas. Então pra mim, um dos maiores, que eu entendo como desafios né... Foi, essa questão a gente precisa demonstrar sempre mais né... Mais serviço, mais aptidão né... Do que um outro colega, que demonstra bem menos e alcança com mais facilidade, mas em contrapartida, é a gente conseguir posicionar e ter tomada de decisões que olhem o coletivo. Né... Pelo menos no meu ponto de vista, a minha visão ela é muito coletiva e é muito de olhar o, o vulnerável, né... Olhar pra fazer a universidade pra gente pensar a vulnerabilidade das populações tradicionais, dos ribeirinhos e eu percebo que foi um movimento, quando a gente começa com essa movimentação antes de copy, né... Antes de, de, de estar na mídia, né... População indígena e tal, a gente dá, já desenvolvia a dois anos atrás, projetos com esses grupos, aí eu vi outras universidades também desenvolvendo, então pra mim foi muito importante (Natália, 2024).

Como podemos observar, Natália destaca os desafios enfrentados pelas mulheres negras no contexto acadêmico, especialmente em relação ao acesso

e permanência em espaços de poder e decisão. Sob a ótica de Foucault (2010), sua experiência reflete como as estruturas de poder e os discursos dominantes moldam a exclusão de corpos negros, particularmente femininos, em favor de homens brancos, que são associados ao poder. Natália fala da dificuldade de visualizar sua presença em certos espaços, como o de professor universitário, devido a esses discursos históricos que perpetuam desigualdades.

Coracini (2003) esclarece que na memória discursiva de Natália reflete a construção de uma subjetividade que constantemente precisa provar sua competência. A referência à necessidade de trabalhar “em dobro” ou “em triplo” para obter o mesmo reconhecimento que seus colegas homens brancos revelam como a identidade profissional das mulheres negras é continuamente desafiada por estereótipos raciais e de gênero.

A dificuldade de dizer “não” e a necessidade de “demonstrar sempre mais”, mencionadas por Natália, são exemplos de expectativas impostas às mulheres negras, que são frequentemente vistas como sempre disponíveis. Esse comportamento é parte dos “acontecimentos discursivos”, discutidos por Pêcheux (1990). Ao resistir a esses papéis, Natália está ressignificando sua identidade e o papel das mulheres negras na academia.

Conceição, fala do seu entendimento sobre feminismo negro:

Feminismo negro é, o, o feminismo são é, é, é, a luta das mulheres o movimento de mulheres né... Que existe, eu tive a oportunidade de, de participar no, no primeiro governo do presidente Lula. Então quando você fala assim de feminismo negro, é, é, apesar de, de eu não ter participado de nenhum feminismo negro mas significa de movimento de mulheres negras né na, na busca de, de, de reconhecimentos, dos seus direitos, né... Do diálogo, da, do, da, da de se reconhecer, das oportunidades que deverão ser adquiridas, de trabalhar pautas voltadas para as mulheres negras, né... Pra que elas possam ter mais espaço na sociedade. Então eu vejo dessa forma porque o feminismo ele, ele, é de modo geral é a mulher lutando por suas pautas, pelos direitos, pela sua visibilidade na sociedade. Quando você fala feminismo negro ela só, é, já é um termo que já é voltado especificamente para as mulheres negras. Mas creio que não é tão diferente, dos movimentos que é só escrito feminismo, né... Então feminismo negro é trabalhar as pautas de direitos que nós enquanto mulheres negras, precisamos, é, trazer essas pautas para a discussão, pra valorização, pra nossa, é, visibilidade, né (Conceição, 2024).

O recorte na fala de Conceição, oferece uma visão baseada em suas experiências e participação em movimentos de mulheres, destacando a

especificidade da luta das mulheres negras. Ela entende o feminismo negro como uma extensão do feminismo geral, focada nas pautas e direitos das mulheres negras. Utilizando Coracini (2003), o discurso de Bugarim reflete a construção contínua da identidade negra feminina, evidenciando a necessidade de visibilidade e espaço para essas mulheres, cujas demandas devem ser reconhecidas e atendidas.

A partir de Foucault (2010), o feminismo negro, conforme descrito por Bugarim, desafia as estruturas de poder que historicamente marginalizaram as mulheres negras. A "escuta enfática" mencionada por ela é uma prática de resistência, onde ouvir e considerar que as demandas das mulheres negras se tornam um exercício de poder, promovendo mobilização e capacitação social.

Além disso, a criação de espaços de ação e escuta para as mulheres negras pode ser entendida através da noção de territorialização e desterritorialização de Lopes (2018), com o movimento feminista negro ressignificando espaços historicamente excludentes. A formação de associações de mulheres negras, por exemplo, territorializa suas demandas, oferecendo-lhes um local de expressão e articulação.

Bugarim também enfatiza a importância do reconhecimento e da visibilidade, que são cruciais para o feminismo negro. Essa abordagem alinha-se com a interseccionalidade, tema central da teoria feminista negra, ao considerar não apenas o gênero, mas também o racismo e outras formas de opressão que impactam de maneira única as mulheres negras.

Observemos o recorte discursivo da gestora Benedita, quando fala de sua própria história:

Aquele lugar não era um lugar pra ser ocupado por negro. Porque o negro comete erros. Você está entendendo... Então o negro quando comete erro ele comete erro porque ele é negro. Você entende... Então isso pra mim ficou muito evidente. Então, essas coisas todas né, é acho que são demonstrações de situações que a gente vive ainda hoje, sabe... Que a gente ainda hoje vive, que é muito recente né... Isso em dois mil e dezenove. Entendeu... E foi quando eu, assim, tomei conta, eu, eu, foi a partir daí, que eu fiz um, um retrospecto de tudo que eu tinha passado, que eu fui identificar tudo que eu tinha vivido de racismo até o momento, e que eu não, não tinha me dado conta, não tinha percebido que era racismo. Entendeu... Eu não tinha percebido isso. Então é, como acho que já ficou evidente né... Eu realmente enfrentei, muitos desafios né, é, desde sair da minha da, do meu território, em busca de, de formação, porque era uma coisa que eu queria muito,

né... De viver na cidade e, e ser realmente, hostilizada, por conta da cor da minha pele, de ocupar cargos que pareciam não ser meu lugar de pertencimento, pra outras pessoas, né, mas pra mim era, porque eu realmente me preparei pra tudo que eu vivi e eu a princípio eu não me preparei pensando numa, era algo que realmente eu queria, né (Benedita, 2024).

A reflexão de Benedita, ao revisitar e identificar as situações de racismo que havia vivido, destaca a importância de um processo consciente e crítico para entender e desconstruir essas experiências. Esse reconhecimento é um passo para a resistência e a luta contra o racismo, pois permite que as pessoas afetadas compreendam a natureza estrutural das opressões que enfrentam.

Essa tomada de consciência pode servir como um catalisador para a transformação pessoal e coletiva, ajudando a construir uma resistência mais informada e eficaz. Reconhecer e nomear o racismo é fundamental para a mobilização e para a criação de estratégias de enfrentamento e mudança.

A palavra "hostilizada" sugere uma resistência ativa por parte dos outros ao ver uma mulher negra em um cargo de poder. A menção a "cargos que pareciam não ser meu lugar de pertencimento" destaca a luta contínua pela aceitação em ambientes onde se espera que pessoas negras não estejam. Esta frase reflete a luta contra a exclusão, sublinhando que o esforço e a competência são constantemente desafiados pela cor da pele.

A frase "cargos que pareciam não ser meu lugar de pertencimento" demonstra a luta contínua ao tentar se afirmar em ambientes onde a presença negra é vista como fora do lugar. Essa percepção reflete não apenas uma resistência pessoal, mas também uma resistência estrutural que desafia a ideia de que pessoas negras possam ocupar tais posições de poder e influência.

Há uma determinação não apenas sublinha a luta pessoal pela realização de seus objetivos, mas também ilumina a vontade de ocupar espaços e lugares, a escolha de buscar e alcançar tais objetivos, mesmo frente a todos os obstáculos, reflete um compromisso com a transformação das normas sociais e com a reescrita das narrativas sobre o papel das pessoas negras em diversos contextos. Portanto, o discurso se posiciona como uma afirmação de resistência e um chamado à ação, destacando a necessidade de continuar a luta por igualdade e justiça em todos os níveis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigou-se a trajetória das mulheres negras em cargos de gestão escolar no município de Tucuruí/Pará, revelando uma série de desafios e superações que caracterizam seus caminhos profissionais. Os principais achados indicam que essas gestoras enfrentam desigualdades, que se manifestam em diversas formas de discriminação e barreiras institucionais. As entrevistas e análises mostraram que, apesar de suas competências e qualificações, as gestoras negras enfrentam resistência de aceitação das suas capacidades.

Os dados revelaram que cargos de liderança escolar é marcada por um esforço constante para desafiar e superar a negatividade e estruturas institucionais excludentes. As estratégias de resistência e superação adotadas por essas gestoras incluem a busca por formação continuada e a criação de políticas inclusivas dentro das escolas que promovem a diversidade e combatem o racismo.

A presença de gestoras negras em Tucuruí teve um impacto positivo na comunidade escolar, servindo como uma importante representatividade para alunos e colegas de trabalho. Suas experiências demonstram a importância de políticas afirmativas e de práticas que a reconheçam e a valorizem.

O estudo contribui significativamente para o campo da educação ao fornecer uma análise detalhada das dificuldades e conquistas das mulheres negras em posições de gestão escolar. A pesquisa não apenas destaca as barreiras enfrentadas por essas gestoras, mas também revela os planos que elas utilizam para contornar as adversidades e afirmar sua liderança.

Uma das principais contribuições é a iluminação sobre a importância da permanência de mulheres negras na gestão escolar, não apenas para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo, mas também para a promoção de práticas pedagógicas que reconhecem e valorizam a diversidade racial. Os achados reforçam a necessidade de políticas educacionais que garantam o acesso e a permanência de mulheres negras em cargos de liderança, contribuindo para uma educação melhor. O estudo oferece uma base para

futuras pesquisas, ampliando o entendimento sobre como essas questões influenciam a dinâmica do poder e da gestão escolar.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **Ditadura, interesses empresariais e desenvolvimentismo**: a obra da usina hidrelétrica de Tucuruí. Tempo e Argumento. Florianópolis, v.11, n. 26,p. 255-286, jan./abr. 2019.

CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e Discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo**: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminação, à teoria feminista e à política antirracista. Universityof Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

DAVIS, Ângela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Organização Frank Barat. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro**. 1ª ed. Boston: South End Press, 1984.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LOPES, Lucas Rodrigues. **Moradores de rua em vídeos do YouTube**: (des)(re)territorializações do espaço-tempo no(s) discurso(s) de si e do(s) outro(s). 2018. 138f. Tese (doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1062620>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução EniPulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.